



## O missionarismo reformado na capitania da Paraíba durante o Brasil holandês (1630-1654)

### *The reformed missionarism in the capityny of Paraíba during Dutch Brazil (1630-1654)*

*Leandro Vilar Oliveira\**

**Resumo:** Este artigo consiste em um panorama da atuação da Igreja Reformada Neerlandesa na Capitania da Paraíba, um dos territórios conquistados pela Companhia Holandesa das Índias Ocidentais e mantido sob seu controle por vinte anos. As missões reformadas tiveram início em 1636 e se estenderam até 1654, período em que vários pastores dirigiram a catequização principalmente dos indígenas, criando missões na Paraíba para esta finalidade. A pesquisa foi realizada analisando dados de fontes primárias e de estudos sobre o período para apresentar quem foram os pastores envolvidos, suas funções e deveres, problemas enfrentados na conversão indígena, além de desentendimentos entre si e a ameaça da guerra de restauração.

**Palavras-chave:** Calvinismo. Nova Holanda. Brasil colônia. Catequização. Companhia das Índias Ocidentais (WIC).

**Abstract:** This paper is an overview of the performance of the Dutch Reformed Church in the Captainty of Paraíba, one of the territories conquered by the Dutch West India Company and kept under its control for twenty years. The reformed missions began in 1636 and lasted until 1654, when several ministers mainly directed the indigenous people's catechization, creating missions in Paraíba for this purpose. The research was carried out by analyzing data from primary sources and studies about the period to present who were the ministers involved, their roles and duties, problems faced in indigenous conversion, as well as disagreements among themselves, and the threat of the war of restoration.

**Keywords:** Calvinism. New Holand. Colonial Brazil. Catechization. Dutch West Indian Company (WIC).

## Introdução

O calvinismo consistiu num movimento religioso cristão protestante que teve como mais importante expoente o teólogo e escritor francês João Calvino (1509-1564), o qual, influenciado pelas ideias de Martinho Lutero (1483-1546) e a Reforma Protestante, formou-se em teologia e, a partir de 1534, começou a publicar regularmente livros teológicos e estudos bíblicos e doutrinários, aperfeiçoando e revisando algumas ideias de Lutero e outros teólogos como Ulrico Zuínglio (1484-1531), reformista suíço.

---

\* Doutor em Ciências das Religiões (UFPB, João Pessoa-PB). ORCID: 0000-0001-8905-9727 – contato: [vilarleandro@hotmail.com](mailto:vilarleandro@hotmail.com)

Todavia, a grande obra de Calvino foi publicada em 1536, em latim, com o título *Institutio christianae religionis* (Institutas da religião cristã). No entanto, ele passou mais de vinte anos aperfeiçoando seu trabalho, tendo como base de estudo e experimentação a cidade suíça de Genebra, onde viveu por mais de 14 anos. Em 1559, ele publicou a versão definitiva do Institutas da Religião Cristã, que foi traduzida para várias línguas (Picken, 2012).

A obra de Calvino estabeleceu elementos que, posteriormente, seriam adotados como alguns dos fundamentos da Igreja Reformada ou Igreja Calvinista (termo usado menos usualmente pelos fiéis). Entre eles está a chamada “Doutrina dos Cinco Pontos”: a depravação total, a eleição incondicional, a expiação limitada, a graça irresistível e a perseverança dos santos; tal doutrina, vale observar foi revista em concílios e sínodos nas décadas seguintes. No entanto, a igreja reformada concebida por Calvino na Suíça ganhou adeptos em outros países, com destaque para os Países Baixos<sup>1</sup> (normalmente referido como Holanda), nos quais a fé reformada foi reconhecida no Sínodo de Edmen (1571), em que se criou a igreja reformada neerlandesa, reconfirmada no sínodo de Dordecht (1578) (Hart, 2014).

A igreja reformada neerlandesa se desenvolveu nas décadas seguintes e, após a criação da Companhia das Índias Orientais (1602) e da Companhia das Índias Ocidentais (1621), passou a enviar predicantes (pastores) nas expedições mercantes, militares e colonizadoras para às Américas, África e Ásia, com o intuito de evangelização.

O melhor exemplo da conjugação entre os interesses comerciais e o espírito evangelizador encontra-se em Willem Usselinx (1564-1647), calvinista natural do Brabante. Usselinx foi o primeiro a defender a importância de conquistar o Brasil açucareiro, ainda em 1621, alegando que a riqueza do império espanhol não se reduzia às minas de ouro e prata do Peru e do México. Também advogou que o propósito maior da Companhia criada naquele ano deveria ser a “expansão da verdadeira religião cristã”, combatendo os *papistas* nos quatro cantos do mundo (Vainfas, 2009, p. 147, grifo do autor).

E tal condição ocorreu na Colônia do Brasil, principalmente na segunda vinda dos neerlandeses, a partir de 1630<sup>2</sup>, que resultou no processo colonizador exploratório deles, que se estendeu por mais de vinte anos. Com isso, tendo se estabelecido um governo neerlandês no Recife, na Capitania de Pernambuco, a partir dali, nos anos seguintes, missionários foram enviados aos territórios conquistados para iniciar a missão evangelizadora, sobretudo dos indígenas (Schalkwijk, 2004).

Feita essa breve introdução sobre a origem do calvinismo e da igreja reformada neerlandesa, e como esta igreja cristã chegou ao Brasil, sublinhamos que nosso objeto de pesquisa consistiu em estudar como a igreja reformada foi estabelecida e atuava na capitania da Paraíba, a segunda capitania mais importante sob domínio da Companhia

---

1 No ano de 1579 ocorreu a União de Utrecht, quando sete províncias que tinham se rebelado contra o governo espanhol de Felipe II, durante a Guerra dos Oitenta Anos (1568-1648), se declararam independentes. Eram elas Frísia, Gronigen, Güeldres, Holanda, Overijssel, Utrecht e Zelândia. Em 1581, o novo território unificado passou a se chamar República das Sete Províncias Unidas dos Países Baixos (Gelderen, 1992).

2 A Companhia das Índias Ocidentais invadiu Salvador, na Bahia, em 1624. No entanto, após a chegada da grande armada espanhola enviada por Felipe III, abandonou a cidade em 1625.

das Índias Ocidentais (*West-Indische Compagnie* – WIC) no Brasil. O motivo do estudo se deve à falta de pesquisas sobre o tema, já que a maioria dos livros e artigos foca na igreja reformada em Pernambuco, relegando outras capitanias brasileiras.

Sendo assim, para realizar esta pesquisa, utilizamos uma abordagem investigativa da história, recorrendo a fontes primárias traduzidas, como as Nótulas Diárias<sup>3</sup>, as atas dos sínodos de Recife e relatórios de diretores e conselheiros da WIC. Para, enfim, elaborar um quadro histórico de como ocorreu esse processo de disseminação e evangelização calvinista em território paraibano.

## A conquista da capitania da Paraíba

Antes de apresentar a chegada dos missionários reformados à Paraíba, é preciso explicar brevemente como ocorreu a conquista desta capitania e os problemas que a WIC enfrentou em seguida, pois, foi em meio a tais problemas de instabilidade política que os primeiros missionários foram enviados.

A conquista da capitania da Paraíba pela WIC foi uma árdua tarefa. Se a companhia teve problemas para subjugar toda a capitania de Pernambuco, algo concretizado apenas no ano de 1636, no caso paraibano não foi diferente. O primeiro ataque ocorrido em 1631 levou à batalha do Cabedelo (5 a 12 de dezembro), que resultou na desistência dos neerlandeses, mesmo eles estando em vantagem numérica e de poderio bélico. Após o fracasso naquele ano, a WIC procurou concentrar seus esforços em outras localidades, conseguindo subjugar as capitanias de Itamaracá e Rio Grande, no ano de 1633. Obtendo sucesso nessas empresas, o alto conselho da WIC deliberou por atacar mais uma vez a Paraíba. Para isso, enviou-se uma segunda expedição, que resultou na desastrosa batalha do Forte de Santo Antônio (25-26 de fevereiro de 1634). Ela foi uma das mais vergonhosas operações militares da WIC no Brasil, em que erros decisórios crassos levaram a força de ataque abandonar a campanha, que poderia ter resultado em vitória dos invasores. No entanto, apesar dessa grave falha de comando, a companhia decidiu enviar uma terceira expedição ainda naquele ano. A chamada batalha da Paraíba (2 a 23 de dezembro) resultou no cerco aos fortes de Cabedelo e Santo Antônio, levados à rendição após duas semanas de bombardeio, e centenas de feridos e mortos (Oliveira, 2016).

Com a queda dos fortes que protegiam a entrada do rio Paraíba, o caminho até a capital, que ficava na cidade de Filipeia de Nossa Senhora das Neves, estava livre. Com isso, navios neerlandeses cruzaram as águas do rio e aportaram sem problemas no porto do Varadouro, encontrando o Forte do Varadouro e o Fortim de Pedra, ambos abandonados, pois suas guarnições haviam fugido. Com isso, na véspera de Natal de 1634 o exército neerlandês apossou-se da capital paraibana. Nos dias seguintes, o alto conselheiro Servaes Carpentier (1599-1645) negociou os termos de rendição para a

---

<sup>3</sup> Em neerlandês é intitulado *Dagelijkse Notulen*, os quais consistiam em documentos produzidos pela administração da Companhia das Índias Ocidentais. O historiador José Hygino Duarte Pereira traduziu centenas dessas nótulas.

população da capitania. No ano seguinte, Carpentier foi nomeado diretor (governador) da Paraíba e do Rio Grande para um breve mandato, entre 1635 e 1636 (Oliveira, 2016).

Após a vitória da WIC em subjugar as forças luso-espanholas que defendiam a Capitania da Paraíba e instaurar o governo administrativo com o diretor Carpentier, os primeiros predicantes foram enviados. No entanto, aqui existe um problema de definição de data, pois não se sabe quando esses homens foram incumbidos de exercer suas funções religiosas. O ano de 1636 foi o ano dos três governadores, pois com a saída de Carpentier (cuja nomeação havia sido de caráter temporário), lhe sucedeu o militar Ippo Eysens em data desconhecida. Eysens era conhecido pela fama de colérico, tendo gerado desafetos e a reprovação da população local. Ele foi assassinado em 14 de outubro de 1636, numa emboscada no Engenho Santo Antônio. Foi sucedido por Elias Herckmans, que deixou a capitania de Itamaracá e assumiu o governo da Paraíba e Rio Grande em algum momento de outubro ou novembro daquele ano (Lins, 2007).

Apesar dessa problemática vista no ano de 1636, quando tivemos três governadores para a capitania da Paraíba, é possível que os missionários possam ter sido enviados ainda no governo de Ippo Eysens, pois ele governou por mais tempo naquele fatídico ano.

## Os predicantes reformados na Paraíba

Embora persista esse problema não resolvido da data de início da missão calvinista em território paraibano, fontes primárias nos fornecem o nome dos predicantes enviados para lá. A tabela a seguir apresenta os pregadores que conseguimos identificar que atuaram na Capitania da Paraíba. No entanto, antes de comentar a respeito deles, é necessário explanar brevemente sobre as funções religiosas nas quais a igreja reformada estava dividida na Nova Holanda, como era chamada a colônia neerlandesa no Brasil.

**Tabela 1: Pregadores reformados na Capitania da Paraíba**

Nome	Local de atuação	Anos de serviço
Cornelis van der Poel	Frederica	1637-1646
	Forte do Cabedelo	1637-1638
David van Doreslaer	Frederica e Forte do Cabedelo	1636-1637
	Aldeias indígenas	1638-1643
Henricus Hermanius	Aldeias indígenas	1645-1650
Jan Michiels	Forte do Cabedelo	1638-1640
Johannes Apricius	Aldeias indígenas	1644-1654
Johannes Haselbeek	Forte do Cabedelo	1641-1645
Petrus Doornick	Frederica	1640-1643
Samuel Baltseleer	Forte de Santo Antônio	1637-1641
Samuel Folckerius	Forte do Cabedelo	1636-1637
Thomas Kemp	Aldeias indígenas	1638-1648

Fonte: Produzido pelo autor (2022).

No caso da Paraíba, pela tabela pode-se ver que 10 predicantes estiveram atuando na capitania, número acima da média, já que capitânicas como Rio Grande, Ceará e Sergipe, às vezes, só possuíam três ou quatro predicantes. No entanto, Pernambuco, devido às suas freguesias, despontava na frente. Não obstante, nem todos os predicantes que serviram na Paraíba começaram nessa função; homens como Poel, Michielsen e Kemp foram inicialmente proponentes (pastores auxiliares).

Pela tabela, observa-se que a cidade de Frederica (atual João Pessoa) ficou sob tutela de Cornelis van der Poel por quase dez anos, tempo acima da média, como informa Schalkwijk (2004) ao dizer que, no começo, o tempo de serviço era de dois a três anos, mas na década de 1640 passou a aumentar para cinco e sete anos. No entanto, em que igreja Poel teria atuado?

Sabe-se que na Paraíba não foram construídas igrejas reformadas, logo, os neerlandeses fizeram uso de igrejas católicas. Na cidade, existiam seis delas: a igreja de São Francisco, a igreja matriz (atual Catedral de Nossa Senhora das Neves), o mosteiro de São Bento, a igreja da Misericórdia (onde havia um hospital em anexo), a igreja de Nossa Senhora do Carmo e a igreja de São Gonçalo ou igreja dos Jesuítas<sup>4</sup>.

Desses templos, a igreja de São Francisco, que contava com o mosteiro de Santo Antônio em anexo, era a maior estrutura do período, tendo sido adotada como sede do governo neerlandês de 1635 a 1645 (Herckmans, 2004). Por conta disso, provavelmente Poel ministrava os cultos nessa igreja, mas também poderia ter celebrado nos demais templos. Além disso, Doreslaer e Doornick, que também atuaram na cidade, podem ter feito o mesmo. Neste ponto, salienta-se que Poel e Doreslaer estavam entre os principais predicantes da Paraíba, junto ao inglês Samuel Baltselaer. Esses três homens comumente participavam dos sínodos que anualmente ocorriam no Recife, capital da Nova Holanda, representando a capitania paraibana. Tal informação é atestada pelas atas desses sínodos, traduzidas para o português pelo historiador Pedro Souto Maior (1917).

Um outro aspecto a mencionar é a presença dos predicantes nas fortificações da capitania. Naquele tempo estavam de pé três fortes: o do Cabedelo (chamado de forte Sul ou de forte Margarida pelos neerlandeses), Santo Antônio (chamado de forte Norte pelos neerlandeses) e o forte de Pedra, situado na cidade. A respeito dessas fortificações, o forte de Santo Antônio foi severamente bombardeado na batalha da Paraíba em 1634. Por conta disso, Maurício de Nassau, ao visitar a capitania em 1638, decidiu não o reconstruí-lo, decidindo focar as verbas na reconstrução do forte do Cabedelo, que era de estrutura maior e mais robusta, tornando-se a principal fortificação paraibana (Dussen, 2004).

Sobre os predicantes que atuaram nos fortes, observa-se que o inglês Samuel Baltselaer esteve à frente do forte de Santo Antônio por pelo menos cinco anos, mas não se sabe seu sucessor. É possível que, devido à proximidade desse forte com o do Cabedelo, o qual fica na margem oposta do rio Paraíba, o predicante responsável por aquele forte poderia cruzar o rio e ir ministrar no Santo Antônio. Nesse caso, a lista apresentada anteriormente informa que Poel e Doreslaer, em 1637, atuaram no forte do Cabedelo.

---

4 Das seis igrejas citadas, com exceção da igreja de São Gonçalo, as demais ainda existem, ficando localizadas no centro histórico da cidade de João Pessoa.

O motivo: naquele ano, o predicante Folckerius pediu demissão de seu cargo por se considerar inapto para continuar nele e, após um período de alguns meses, no ano de 1638, o consolador Jan Michiels foi nomeado em caráter temporário. Ele chegou a ser promovido para proponente, mas, não tendo conseguido passar na avaliação para se tornar predicante, Michiels pediu demissão em 1640, sendo sucedido por Johannes Haselbeeck (Schalkwijk, 2004).

A desistência de predicantes e proponentes no Brasil não foi algo incomum. Mello (2001) comenta que esses homens, na maior parte das vezes, não tinham experiência de campo nos trópicos, além de vir de regiões mais frias; o calor se tornava um fardo para eles. Além disso, houve uma dificuldade linguística, pois os clérigos reformados, em sua maioria, não sabiam falar o português ou espanhol, idiomas de comunicação no Brasil. E havia, também, idiomas indígenas, ainda mais desconhecidos. Outro aspecto que gerava demissões devia-se às dificuldades de vida em terras brasileiras, onde os predicantes e proponentes enviados para as aldeias ou fortificações não possuíam boas moradias e padeciam de problemas como escassez de alimentos<sup>5</sup>, doenças e ameaças inimigas. Embora os anos de 1638 a 1644, que marcaram o governo nassoviano, sejam considerados os mais prósperos, ainda assim, notou-se desistências.

### As aldeias indígenas paraibanas

Todavia, a maioria dos predicantes que atuaram na Paraíba se dedicaram à missão evangelizadora de converter os povos indígenas, considerada mais difícil e até urgente, pois os relatórios neerlandeses do período, de forma recorrente, referiam-se aos indígenas das capitanias dominadas como pagãos, hereges e de hábitos selvagens.

O interesse pelo índio era geral na Europa de então; estava-se na época em que se iniciava o romantismo naturalista. Não é de admirar, pois, que uma Companhia de Comércio os sustentasse e educasse à sua custa; mas não só pelo prazer de trazer à civilização pobres silvícolas brasileiros, como também com o fito de se preparar para a conquista de algumas regiões americanas (Mello, 2001, p. 208).

Dessa forma, era dever dos clérigos levarem não apenas a palavra de Deus, mas também a “civilidade”. A isso soma-se o interesse em utilizar os indígenas como mão-de-obra barata ou escrava, e também como guerreiros. Esses pensamentos também foram compartilhados pelos missionários católicos nas décadas anteriores.

Na capitania paraibana havia dois povos nativos no litoral – área de concentração da maior parte da população colonial –, os potiguara e os tabajara, tribos inimigas entre si por longos anos, chegando a se confrontar durante o período da Conquista da Paraíba (1574-1585). Nesse momento, os potiguaras apoiaram os franceses, enquanto os tabajaras aliaram-se aos portugueses. Mas, estabelecida a capitania paraibana, ambas

---

<sup>5</sup> A dieta do exército holandês era proveniente da metrópole: aveia, feijão, ervilhas, carne salgada e toucinho. Algumas vezes, a carne era substituída por bacalhau, tendo havido mesmo um comércio regular, direto, entre a Terra Nova e o Recife (Mello, 2001, pp. 129-130). Devido a essa dependência de ter que importar comida, as tropas e funcionários da WIC tiveram problemas de abastecimento em várias épocas.

as tribos foram subjugadas nas décadas seguintes e passaram a serem catequizadas. Na época das invasões neerlandesas, em 1631 e 1634, tropas de potiguaras e tabajaras lutaram contra os invasores (Prado, 1964).

Mas, após ser conquistados também, os potiguaras e tabajaras passaram a ser convertidos pelos missionários neerlandeses. No caso, aldeias foram remanejadas para servir às missões reformadas. O padre jesuíta Manoel de Moraes (1596-1651), que passou para o lado dos neerlandeses em 1634, após a conquista da Paraíba, lugar onde se encontrava na época, relatou o seguinte sobre as aldeias existentes naquela capitania.

Na Paraíba, nomeou a aldeia de Jaraguaçu ou Eguararaca, chefiada por Francisco Araduti, distante quatro léguas (24 km) da cidade, por terra, e sete léguas (42 km) rio acima, sendo o caminho fluvial o mais frequentado; a aldeia de Jacknigh, assim grafada pelo holandês, provavelmente a São Miguel de Urutagui, uma légua (6 km) adiante da primeira, cujo chefe era João Javarati; a aldeia de Iapua ou Iguapuá, no Pontal, a cinco léguas (30 km) do forte de Santo Antônio, chefiada por Francisco Cavaia; a aldeia de Tapoa ou Urecutuva, com seu chefe Francisco Gopeka, distante cerca de dez léguas (60 km) da cidade, na altura das cabeceiras do rio Paraíba, próxima ao engenho de Antônio Valadares, onde Manoel se havia “rendido” aos holandeses; a aldeia de Inocoça ou Jacoça, a quatro léguas (24 km) da cidade da Paraíba, no caminho de Goiana, em Pernambuco, chefiada pelo índio Diogo Botelho; a aldeia de Pindaúna, liderada por Manibassu, a seis léguas (36 km) da cidade da Paraíba, na mesma direção de Goiana (Vainfas, 2009, p. 156).

O relato de Moraes dataria de 1635. Por sua vez, com base no relatório do alto conselheiro Adrian van der Dussen, temos relacionadas as aldeias Tapuia, Maurícia, Masurupe, Pontal e Jargaú. Ainda, algumas dessas aldeias aparecem referenciadas com mais de um nome, sendo referidas por nomes portugueses, tupis e neerlandeses. Por conta disso, elaboramos a tabela a seguir:

**Tabela 2: Nome das aldeias indígenas na Capitania da Paraíba, entre 1635 e 1640.**

Aldeia	Moraes (1635)	Dussen (1640)
Gargaú	Jaraguaçu	Jargaú
Jacuípe	Jacknigh	Masurupe
Jacoca	Inocoça ou Jacoça	Maurícia
Pindaúna	Pindaúna	Maurícia
Pontal	Iapua ou Iguapuá	Pontal
Itapoá	Tapoa ou Urecutuva	Tapuia
Urutagui	São Miguel de Urutagui	Butagui

Fonte: Produzido pelo autor (2022) com base nos dados de Dussen (2004) e Vainfas (2009).

Um detalhe a ser mencionado diz respeito à aldeia Urutagui, situada onde hoje se encontra a cidade de Alhandra, no sul da Paraíba, e classificada por Dussen como parte das aldeias de Goiana, na antiga Capitania de Itamaracá. Por conta disso, em seu relatório, ela não foi considerada como uma aldeia paraibana. Além disso, Dussen informou que as aldeias Jacoca (Jacoq) e Pindaúna foram desmanchadas e seus habitantes transferidos para mais próximo da cidade de Frederica, formando a aldeia Maurícia, em

homenagem a Maurício de Nassau. Algo visível na tabela seguinte, em que ele informa o nome dos capitães dessas aldeias e a quantidade de habitantes:

**Tabela 3: Informações sobre os aldeamentos paraibanos no ano de 1640.**

<b>Aldeia</b>	<b>Capitão</b>	<b>Número de habitantes</b>
<b>Tapua</b>	Jan Gerritsz	68
<b>Maurícia</b>	Tonis Claensz	233
<b>Masurepe</b>	Pedro Poti	198
<b>Pontal</b>	Francisco Palety	68
<b>Jargáú</b>	Francisco Arandoya	53

Fonte: Produzido pelo autor (2022), com base nos dados de Dussen (2004, p. 185).

De acordo com o relatório de Adrian van der Dussen, datado de 1640, o alto conselheiro contabilizou 21 aldeias espalhadas pelas capitânicas de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande<sup>6</sup>. No caso paraibano, ele apresentou os dados mostrados na tabela anterior, totalizando 620 indígenas. No entanto, Mello (2001) cita que em 1645, somente na Paraíba eram contabilizados 600 mulheres e crianças, embora não fosse fornecido o número exato de homens, pois esses eram somados aos de Itamaracá e Rio Grande. Pela nota de Mello, percebe-se que houve um aumento populacional considerável em cinco anos. Além disso, nem o relatório de Dussen, nem outras documentações neerlandesas informam se, nessas aldeias, habitariam potiguaras e tabajaras juntos ou separados, pois os documentos costumam se referir aos indígenas de forma genérica pelos termos “brasílios”, “tupis” ou “tapuias”.

## **A atuação dos predicantes na Paraíba**

Mas, quanto à atuação dos predicantes nas aldeias, observa-se pela tabela 1 que quatro deles se dedicaram à função evangelizadora dos indígenas, embora saiba-se que consoladores<sup>7</sup> e diáconos também foram enviados para isso, apesar de os documentos consultados não fornecerem seus nomes. No caso, o predicante David van Doreslaer começou em 1638 a evangelizar na Aldeia Maurícia, situada ao sul da capital, sendo sua missão um marco na época.

<sup>6</sup> A maioria dessas aldeias ainda existiam em 1645, como acusa a petição escrita pelos indígenas dessas capitânicas fazendo algumas exigências à WIC. No documento, pode-se ler o nome de dezenas de indígenas que participaram da grande assembleia ocorrida entre 30 de março e 3 de abril. No caso da Paraíba, as cinco aldeias citadas por Dussen ainda existiam naquele ano, apesar de que, na assembleia, pediu-se para que as de Pontal e Jargáú fossem unificadas (Souto Maior, 1913).

<sup>7</sup> Devido à falta de predicantes e proponentes, não foi incomum o uso de consoladores auxiliando nas funções de evangelização e ensino. Acrescenta-se também o emprego dos próprios indígenas mais avançados na alfabetização e no catecismo, algo sugerido pelo predicante Vicente Soler. Além disso, existia no período alguns livros de catequese que os auxiliavam, como *O leme espiritual do navio mercante* (1640), do predicante Godefridus Cornelisz Udemans. A obra era dirigida aos leigos, principalmente os comerciantes marítimos (Batista, 2014).

José Antônio Gonsalves de Mello (2001) comenta que em 1629, a WIC havia deliberado em não escravizar os indígenas (“brasilianos”, como os documentos a eles se referem), porém, dever-se-ia investir na conversão e civilização deles. Entretanto, essa tarefa demorou alguns anos. Vainfas (2009) aponta que no ano de 1635 foi apresentado o Plano para o Bom Governo dos Índios, sugerido pelo padre jesuíta Manoel de Moraes. Ele ofereceu seus serviços a WIC, passando informações militares, mas também informando a respeito das missões jesuíticas, localização de aldeias indígenas e outras informações. Moraes, como recompensa, foi enviado aos Países Baixos. Acerca de seu plano, Vainfas o resumiu:

*O Plano para o Bom Governo dos Índios* propunha, antes de tudo, tratamentos diferentes para índios e negros. Os últimos deveriam ser mantidos como escravos, mesmo aqueles que porventura tivessem perfilado nas tropas holandesas na guerra de conquista. Deveriam todos, segundo Manoel de Moraes, voltar ao domínio de seus senhores legítimos. Quanto aos índios, mesmo aqueles que haviam lutado contra os holandeses, o governo da WIC deveria garantir-lhes a completa liberdade. Inclusive os índios então cativos dos portugueses deveriam ser imediatamente alforriados (Vainfas, 2009, p. 158, grifo do autor).

Em 1636, o Sínodo de Recife, estabeleceu a proposta de iniciar a evangelização dos indígenas, criando-se internatos para as crianças e adolescentes onde eles aprenderiam a *Bíblia*, para se converter, além de aprender a ler e escrever em neerlandês. Essa foi uma das ideias sugeridas por Moraes. No entanto, o projeto não foi aplicado de imediato – somente dois anos depois deliberou-se criar aldeamentos missionários. Os locais escolhidos foram a capitania da Paraíba e a freguesia de Goiana, em Pernambuco. Um dos motivos se deveu ao fato de o próprio Manoel de Moraes ter trabalhado nessas localidades, além de contar com o apoio de chefes indígenas locais, como Pedro Poti<sup>8</sup>, o que favoreceria a criação das escolas.

Para isso, incumbiu-se o predicante David van Doreslaer da Paraíba, devido ao seu conhecimento em português e no tupi. A nótula diária de 9 de janeiro de 1638 informa sobre a nova tarefa de Doreslaer, como se lê a seguir:

9 de janeiro: O senhor Kesselerius e o senhor Daperius, representantes da Classis, deixam saber que a Classis fecharam seus negócios unanimemente e o escrivão da Classis está fazendo as anotações sobre as quais nós seremos informados. Eles também deixaram saber que eles decidiram encarregar o Predicante Doreslaer para predicar dos brasileiros e tendo isto como objetivo ele irá residir nas aldeias entre a Paraíba e Goiânia. Ele viajará a todos os lugares para fazer a predicação na língua portuguesa e servir os sacramentos, e ao lado destes dois professores espanhóis lhe acompanharão, que irão ensinar as rezas e outras coisas aos brasileiros; um se chama Dionisius, que acabou de ser enviado de Amsterdã e que irá residir em uma das aldeias de Goiânia, o outro irá residir em uma das aldeias em Paraíba e ainda tem que ser encontrado. Para isto eles pedem nossa permissão o que eles receberam, e em seguida eles requerem se nós pagaremos os custos dos predicantes, como foi deliberado na reunião das Classis. Foi decidido que quando eles retornarem que eles deverão apresentar suas declarações ao senhor Harckmans que está encarregado de fazer seus pagamentos em nome da Companhia (Nótula Diária de 09/01/1638).

---

8 Pedro Poti (1608-1652) nasceu na capitania da Paraíba. Em 1625, ao lado de outros potiguaras, ele recebeu o convite de ir morar nos Países Baixos. Ao retornar ao Brasil, em 1630, passou a lutar pela WIC. Foi nomeado capitão e chefe de aldeia, além de atuar como interprete e representante da companhia (Vainfas, 2001).

Sobre isso, o *Breve discurso sobre o estado das quatro capitâneas conquistadas*, publicado em 1638, relatou o seguinte: “Nas aldeias da Paraíba o predicante Doreslaer faz diligência por aprender-lhes a língua e instruí-los na religião, e já está tão adiantado que pode conversar com eles em português, e de algum modo fazer a sua prédica e admoestação, o que os predicantes esperam será de grande efeito” (Nassau, Ceullen, Dussen, 2004, p. 107). Posteriormente, sabe-se que Doreslaer, além de alcançar a fluência em português, também estudou o tupi, aprendendo a falar e escrever neste idioma falado por vários povos indígenas da costa brasileira.

Aprender a língua nativa era essencial para a evangelização dos indígenas, pois, embora a colonização portuguesa já estivesse ocorrendo regularmente havia um século, os idiomas indígenas ainda eram normalmente falados. Os próprios missionários católicos também cuidavam de ensinar a língua portuguesa para esses povos. Dessa forma, os neerlandeses tiveram que aprender não somente o português e o espanhol, mas também o tupi (Batista, 2014).

O predicante Vicente Joaquim Soler, um dos importantes nomes da igreja reformada no Brasil, propôs a tradução de catecismos neerlandeses para a língua espanhola, contendo termos em tupi para orientar na evangelização. O projeto lançado em 1637 não teve sua avaliação concluída. O motivo é desconhecido, pois nenhuma resposta foi enviada (Ribas, 2011).

No ano seguinte, um novo catecismo foi proposto pelo predicante David van Doreslaer, que, com base em sua missão na Paraíba, redigiu um catecismo e formulários. O documento foi revisado por Soler, Van der Poel (que atuava na Paraíba) e Polhemius, sendo intitulado “Uma instrução simples e breve da palavra de Deus na língua brasileira, holandesa e portuguesa, confeccionada e editada por ordem e em nome da Convenção Eclesial Presbiterial no Brasil, com formulários para batismo e santa ceia acrescentados”. A obra ficou pronta em 1640, porém, recebeu ordem de passar por alterações (Schalkwijk, 2004).

O presbitério de Amsterdã, um dos mais renomados dos Países Baixos, apontou algumas discordâncias quanto às orações empregadas, perguntas feitas e formulários para o batismo e a santa ceia, os quais destoavam do Catecismo de Heidelberg (1563) usado como modelo. Isso gerou um impasse que se estendeu por quase dois anos, pois as mudanças não foram feitas em tempo hábil devido à demora de comunicação com o Brasil, e a WIC ordenou a impressão do catecismo mesmo não tendo sido alterado. Por conta disso, quando ele foi enviado, em 1642, seu uso acabou vetado. Doreslaer chegou a receber críticas por conta das mudanças feitas, ao que respondeu por escrito:

O objetivo nunca fora traduzir o *Catecismo de Heidelberg*, mas somente preparar um extrato breve dele. A simplicidade dos brasileiros exigia uma maneira um tanto infantil de ensinar, e ele procurou regular-se por esse fato. Além disso, era-lhe impossível usar literalmente as expressões da forma da ceia do Senhor, porque a língua brasileira era tão “bárbara”, que nela não era possível expressar todas as ideias teológicas; antes disso, nunca haviam sido tratados esses assuntos divinos nessa língua. Na própria Escritura todo o trabalho de redenção se expressa muitas vezes somente na palavra “sofrimento de Cristo”, e por isso maravilhava-se de que a Holanda tanto se assustasse. Posteriormente, quando soubesse melhor a língua, encontraria, se Deus quisesse, palavras para descrever essa imputação da justiça ativa (Schalkwijk, 2004, pp. 269-270, grifo do autor).

O chamado “catecismo brasileiro” segue perdido, pois, embora ainda tenha sido utilizado entre 1642 e 1646, pelo que atestam menções nas atas do Sínodo do Recife, seu uso parece não ter sido tão difundido por conta do problema de conteúdo, além de não se conhecer nenhum exemplar restante ou seu conteúdo em si (Ribas, 2007).

De qualquer forma, Doreslaer manteve-se à frente da aldeia de Maurícia por cinco anos e pregou em outras aldeias também, já que nos sínodos de Recife, de 1638 a 1644, era recorrente a cobrança de mais missionários para o serviço com os indígenas, algo pleiteado para o caso paraibano e para outras capitanias. No entanto, Doreslaer recebeu ajuda do inglês Thomas Kemp, que chegou à Paraíba em 1638 como proponente recém-formado, já que anteriormente estava em serviço na freguesia de Sirinhaém, em Pernambuco. Em 1641, ele atuava na aldeia Masuripe, sob comando de Pedro Poti. Destaca-se a condição que Kemp fez uma carreira longa na evangelização indígena na Paraíba, atuando por dez anos e até ajudando outros missionários. Ele também participou de missões no Rio Grande ao lado de Poel. (Schalkwijk 2004).

Quanto aos outros predicantes responsáveis especificamente pelas aldeias, o alemão Henricus Hermanius e o neerlandês Johannes Apricius, eles chegaram após a partida de Doreslaer, para substituí-lo em suas atividades, num período de crise para o governo da WIC, pois havia eclodido em 1645 a Insurreição Pernambucana, que gerou revoltas similares, como a Insurreição Paraibana.

Apesar do risco de vida por conta das batalhas, os missionários continuaram exercendo suas atividades. Hermanius permaneceu cinco anos de serviço na Paraíba, quando foi transferido para Recife. Já Apricius era professor em 1644, quando foi enviado à Paraíba para trabalhar sob supervisão de Kemp. Somente em 1646, quando tornou-se proponente, foi incumbido da missão na Aldeia Pontal (ou Ponta das Baleias), a aldeia mais ao norte da capitania, próxima ao rio Miriri. Apricius dedicou-se intensamente àquela missão, permanecendo longos dez anos na Paraíba, embora tenha, em dados momentos, viajado para as capitanias vizinhas para trabalhos temporários (Schalkwijk 2004).

No entanto, o ano de 1642 foi emblemático para os clérigos reformados da Nova Holanda, pois mudanças em seu salário e outras regalias, colocaram em dúvida a permanência deles na colônia, como se ler a seguir:

Além do salário, os predicantes tinham direito à moradia livre, como os outros funcionários da Companhia. O ano de 1642 foi um período agitado nesse sentido, porque a Companhia decidira abolir esse direito concedido a seus funcionários graduados, recompensando os casados com um aumento salarial de 25%. Foi um alvoroço geral, levando os funcionários da justiça a paralisar o seu trabalho. Também os pastores pertenciam ao grupo prejudicado, e receberam do governo a comunicação oficial sobre a medida. Responderam por escrito, solicitando que fosse mantido o direito concedido, citando a Bíblia como apoio. Lembraram ainda que os alugueis eram tão altos, que consumiriam quase todo o salário, de modo que se sentiram forçados a solicitar repatriação no ano seguinte, em caso da manutenção da medida (Schalkwijk, 2004, p. 135).

Essa mudança impactou vários clérigos na colônia, os quais, revendo suas condições de vida e trabalho, optaram em pedir baixa no serviço e retornar aos Países Baixos. Não se sabe exatamente se esses teriam sido os únicos fatores para que Doreslaer e seu

sogro Doornick tenham deixado o serviço na Paraíba, em 1643. No entanto, sabe-se também que, quando Maurício de Nassau foi demitido em 1644, alguns predicantes e proponentes também foram embora com ele. Além disso, como citado anteriormente, o ano de 1645 foi problemático por conta do início da Guerra de Restauração (1645-1654), iniciada com insurreições, revoltas e batalhas.

No caso da Paraíba, as atividades religiosas foram afetadas. Por exemplo, em junho de 1645, o então governador Paulus de Linge, temendo um ataque dos rebeldes à sede do governo, ainda situada na igreja de São Francisco, ordenou sua transferência para o forte do Cabedelo (na época chamado de forte Margarida) (Oliveira, 2021). Por conta disso, é difícil considerar que o predicante Cornelis van der Poel ainda tenha continuado a ministrar culto nas igrejas da capital, já que a cidade foi recuperada pelos insurretos. Também sublinhamos que a aldeia Maurícia, devido a sua proximidade com a capital, possa ter também tido sua missão interrompida. Por outro lado, a aldeia Pontal, em que servia Apricius, devido à distância, foi um dos lugares que resistiu a insurreição. A aldeia Masuripe, sob comando de Pedro Poti, também resistiu, mesmo que sob ameaças de conflitos.

Também é válido salientar que nos anos de 1645 e 1646 batalhas ocorreram na Paraíba, revelando a instabilidade do governo neerlandês e a ameaça pelas quais os missionários estavam sujeitos nas aldeias (Oliveira, 2021). Apesar disso, Kemp, Apricius e Hermanius permaneceram mais alguns anos em serviço ali. E Apricius somente deixou seu posto quando foi declarado que todos os funcionários da WIC deveriam se retirar do Brasil, em 1654.

## **Considerações finais**

Após três tentativas militares holandesas de conquistar a capitania da Paraíba, somente o terceiro ataque teve sucesso e, a partir do ano de 1635, a capitania passou ao jugo neerlandês da Companhia das Índias Ocidentais (WIC). E esse domínio manteve-se ao longo de quase vinte anos. A partir de 1636, os primeiros predicantes da igreja reformada chegaram à Paraíba, iniciando seus trabalhos que perduraram até 1654, quando a companhia deliberou retirar-se do Brasil. Ao longo de duas décadas, dez predicantes passaram pela Paraíba, atuando na cidade, nos fortes, mas, sobretudo, nas aldeias por conta da missão catequizadora que era um dos objetivos centrais da igreja reformada no Brasil.

Nota-se que, depois de Pernambuco, a Paraíba foi quem recebeu maior atenção da igreja reformada no Brasil, devido à sua posição estratégica, mas também devido às informações conseguidas com o frei Manuel de Moraes que ali se rendeu, além das iniciativas do predicante David van Doreslaer, o qual foi uma referência na evangelização dos indígenas, chegando até a redigir o catecismo brasileiro (1638), que, devido aos problemas teológicos envolvidos, não foi devidamente utilizado na colônia.

Além disso, sublinhamos as dificuldades que os predicantes e a igreja vivenciaram no Brasil, devido a problemas envolvendo aculturação, aclimatização e a ameaça de guerra. E mesmo os conflitos tendo sido retomados em 1645, ainda assim, missionários

como Kemp, Apricius e Hermanius continuaram a exercer suas funções nas aldeias indígenas.

No entanto, os ensinamentos de Calvino não sumiram de vez. Embora tenham sido proibidos após a retirada da WIC, Viração (2012) mostrou dados revelando que a teologia reformada ainda se manteve entre os indígenas convertidos na Paraíba, Rio Grande do Norte e Pernambuco, tendo perdurado por mais tempo na Serra de Ibiapaba, no Ceará. A autora cita também os comentários do padre Antônio Vieira, escritos na década de 1660, apontando que, com o retorno do missionarismo católico, alguns indígenas contestavam o batismo por aspensão, a missa, as orações a Maria e aos santos, a confissão feita ao padre etc. Não obstante, Viração salienta que algumas aldeias mais remotas ainda mantiveram o rito reformado em prática até, pelo menos, próximo do final daquele século.

Mas, à guisa de encerramento, como se encontra atualmente a igreja reformada na Paraíba? No ano de 2022, temos igrejas presbiterianas e congregacionistas, as quais seguem a doutrina calvinista. No entanto, não temos nenhuma igreja que represente diretamente a igreja reformada neerlandesa. Além disso, a maioria dessas igrejas se concentra na capital estadual, João Pessoa. Por sua vez, o catolicismo ainda domina no Estado da Paraíba, como aponta o Censo do IBGE de 2010, sendo seguido pelo protestantismo<sup>9</sup>, cuja maioria dos membros pertence a igrejas pentecostais e neopentecostais. Quanto aos povos Potiguara e Tabajara, o censo de 2010 apontou que a maioria pertencia ao catolicismo ou a igrejas pentecostais e neopentecostais.

## Referências

BATISTA, Mariana Dantas. *Presbiterium: o predicante Vicente Soler e a missionação calvinista no Brasil holandês*. 112f. Dissertação (Mestrado em História Social), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

CENSO DEMOGRÁFICO 2010: Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

DUSSEN, Adriaen van der. Relatório sobre o Estado das Capitânicas conquistadas no Brasil, apresentado pelo Senhor Adriaen van der Dussen ao Conselho dos XIX na Câmara de Amsterdã, em 4 de abril de 1640. In: MELLO, José Antônio Gonsalves de. *Fontes para a história do Brasil holandês: a economia açucareira*, vol. 1. Recife: CEPE, 2004, pp. 137-232.

GELDEREN, Martin Van. *The political thought of the Dutch Revolt: 1555-1590*. New York: Cambridge University Press, 1992.

HART, D. G. *Calvinism: A History*. New Haven/London: Yale University Press, 2014.

---

<sup>9</sup> De acordo com o Censo de 2010, a igreja presbiteriana possuía 12.480 membros e a igreja congregacionista tinha 20.956 membros declarados. Os valores são maiores do que os das igrejas luterana, metodista e anglicana, mas ainda abaixo da igreja batista (Censo Demográfico, 2010).

HERCKMANS, Elias. Descrição Geral da Capitania da Paraíba. In: MEDEIROS, Manoel Batista de (ed.). *Capitania Holandesa da Paraíba – Numa visão do século XVII*. João Pessoa: Editora da UNIPÊ, 2004, pp. 133-235.

LINS, Guilherme Gomes da Silveira D'Ávila. *Governantes da Paraíba no Brasil colonial (1585-1808)*. 2. ed. João Pessoa: Edições Fotograf, 2007.

MELLO, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos flamengos: influência da ocupação holandesa na vida e na cultura do norte do Brasil*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

NASSAU, João Maurício de; CEULLEN, M van; DUSSEN, Adriaen van der. Breve discurso sobre o estado das quatro capitanias conquistadas, de Pernambuco, Itamaracá, Paraíba e Rio Grande, situadas na parte setentrional do Brasil (1638). In: MELLO, José Antônio Gonsalves de. *Fontes para a história do Brasil holandês: a economia açucareira*, vol. 1. Recife: CEPE, 2004, pp. 77-129.

NÓTULA DIÁRIA de 9 de janeiro de 1638. Disponível em: <http://www.liber.ufpe.br/hyginia/projeto.jsp>. Acesso em: 20 de abril de 2022.

OLIVEIRA, Leandro Vilar. *Guerras luso-holandesas na Capitania da Paraíba (1631-1634): um estudo documental e historiográfico*. 255f. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

OLIVEIRA, Leandro Vilar. A Insurreição Paraibana contra os Holandeses (1645-1647): uma síntese histórica. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, a. 182, n. 486, 2021, pp. 15-42.

PICKEN, Stuart D. B. *Historical Dictionary of Calvinism*. Lanham: The Scarecrow Press, Inc, 2012.

POMPA, Cristina. *Religião como tradução: missionários, Tupi e Tapuia no Brasil colonial*. Bauru: EDUSC, 2003.

PRADO, J. F. de Almeida. *A Conquista da Paraíba (séculos XVI a XVIII)*. São Paulo: Companhia Nacional, 1964.

RIBAS, Maria Aparecida de Araújo Barreto. *O leme espiritual do navio mercante: a missionação calvinista no Brasil holandês (1630-1645)*. 228f. Tese (doutorado em história social), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

SCHALKWIJK, Frans Leonard. 2004. *Igreja e Estado no Brasil holandês (1630 a 1654)*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

SOUTO MAIOR, Pedro. 1913. *Fastos Pernambucanos*. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, tomo LXXV, parte 1, 1913, pp. 259-504.

SOUTO MAIOR, Pedro. *A religião cristã reformada no Brasil no século XVII. (Actas dos Synodos e Classes do Brasil, no seculo XVII, durante o domínio hollandez)*. In: CRISPIN, Jean. *A Tragédia de Guanabara ou História dos protomartyres do Christianismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Typographia Pimenta de Mello, 1917.

VAINFAS, Ronaldo (org.). Dicionário do Brasil Colonial (1500-1808). Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

VAINFAS, Ronaldo. O Plano para o Bom Governo dos Índios: um jesuíta a serviço da evangelização calvinista no Brasil holandês. *Clio – Série Revista de Pesquisa Histórica*, v. 27, n. 2, 2009, pp. 145-162.

VIRAÇÃO, Francisca Jaqueline de Souza. Igreja Reformada Potiguar (1625-1692): A primeira igreja protestante no Brasil. 98f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião), Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2012.

Submetido em: 12/05/2022

Aprovado em: 25/11/2022

Editor responsável: Leonardo Stockler M. Monney